

Barão de Teive

(...) e aquele tempo perdido em analisar o que nunca se chegou a passar,

(...) e aquele tempo perdido em analisar o que nunca se chegou a passar, a medir os precisos termos de relações que nunca se dariam.

Fora um capricho, não do temperamento, mas da simples imaginação. Cada um fora um sonho para o outro, uma espécie de trampolim para saltar dentro de si mesmo de um esquema de emoções para outro esquema de emoções, de uma possibilidade para outra possibilidade.

Aquela banalidade de vida é que era a realidade da vida dela; aquela impossibilidade de fazer mais que sonhar é que era a certeza dele. O que ela manifestara para com ele fora apenas um sonho em voz alta, e o que ele manifestara para ela uma possibilidade em voz baixa. As vozes harmonizavam-se pela própria desarmonia.

Aquele homem forte e estreito, (...) esse é que era o homem dela; ele, Carlos, era apenas o artista dela. E lembrou-lhe a frase de um amigo seu, a quem alguém repreendera o não reparar numa mulher lindíssima com a frase «O sr. não é um homem?», e a resposta, «Não senhor: sou um artista».

Julgou que o quadro analítico se completaria por fora com o fumo do comboio afastando-se; por isso virou-se para trás de repente e alongou o olhar pela distância em direcção a Lisboa. Mas lembrou-se de que se tinha esquecido de que a linha estava electrificada.

As influências da cultura são muito maiores do que se julga. Amamos em parte com o instinto sexual, em parte com a atracção emotiva, mas também, e em grande parte, com vários versos de vários poetas, certos quadros, memórias de trechos musicais, e abundantes citações de romancistas. Os rapazes que lêem contos policiais e querem ser polícias amadores no bairro não diferem dos que lerem *Madame Bovary in anima vili*.

Mas a maioria das vezes o momento está fora de lugar ou o lugar longe do momento. O homem certo está errado, ou não aproveita o que lhe dão quando lhe não disseram que lho davam, e por isso mesmo. No fundo, os maridos têm muita sorte, e as mulheres sérias grandes defesas nas contingências do Destino.

E aquele elemento de banalidade, de estupidez mesmo, que oferece obstáculo permanente à própria imaginação, e prende curtos os animais do íntimo desejo, à porta de casa das coisas que se não revelam? E aquele amor a um conforto da superfície da alma? E aquele uso do mesmo homem, aceite como uma maçada sossegada e, por usual, cómoda — o marido parte da vida como o arranjo da cozinha, o passar de roupa ou o tratar das crianças?...

s. d.

Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 204.

«Daphne e Chloe».